

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Direcção — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

Unhas aduncas

Res non verba soem dizer certas escoras do trono, supondo que afirmam alguma cousa, em horas de aperto ou de entalção. Factos, factos; vamos a eles. Um ministro do actual governo o progressista Antonio Cabral acuzou, em publico, o ministerio franquista de ter cravado unhas aduncas no tezouro, desviando ou esbanjando ilegalmente (é o seu, d'elles, perdillecto e tipico termo) avultadas somas, perdas na bambochata da viagem do principe real á Africa. Resposta dos franquistas intimando o ministro a apresentar as provas do caso, bulha no «Correio da Noite» e no «Ilustrado»; vocês roubaram diz-lhes em surdina o «Correio», venham as provas insistentem os malfeitores.

Ao fim paz e harmonia entre os grilos porque a revelação do escandalo «iria dar força aos inimigos das instituições!» Ao fim negada a palavra, pela maioria, ao deputado Brito Camacho que requereu se ventilasse a materia. São isto factos, verdades negras que toda a jente conhece, apenas reveladas, mas desconhecidas pela covardia e o conformismo dos homens, nas meias palavras que se disseram ou melhor nas palavras que se preferiram sem a illustração dos documentos correspondentes. Primeiro a questão estaria affecta á autoria do parlamento («Correio da Noite» de 13 de março) depois o caso viria a sêr, comzinhamente, uma testilha de jornalistas. Habilidade saloia, com os fundilhos á vista, para manter o decore das instituições; para não ajudar á birra dos inimigos da monarchia.

Moralidade do conto. . . Perrault e o bom Lafontaine (naturalmente, para os snrs. conselheiros: — desconhecidos) tinham o habito casto de pela linguagem das suas «Fabulas» encabeçarem aos similitantes os comentarios que orijinau aquele ou este rapozo, trazido á letra redonda para lição de meninos. Ora — isso era em tempos que, o homem, não tendo visto a desmarcada pulhice, acreditava só fossem vis certas espécies de bestas; — ruims de fama e ruims de pata.

Hoje vá lá o cronista falar pela boca dos «fabliaux» a proposito de um ministro de estado que acuzo a antecessor de crime contra o tezouro, sem promover o castigo do delinqente antes cobrindo-o com o seu silencio prudente (é de Conrado, snrs. conselheiros). Vá lá o cronista por «contos da carochinha» dizer ao leitor arguto que fulano, o bicho gata, é um ladrão; e fulana, a bicha gata, é pelo menos encobridora. Ninguem lhe diz — apoiado, com razão; ninguem lhe aceita de boamente o inodoro da frase. O nosso povo, honra lhe seja, já não dijere de boa sombra lérias e meias revelações — quer a verdade, quer a justiça. Ai do periodista que a não dissesse, que se ficasse a meio caminho no comentario aos factos do seu tempo. Ora verdade e justiça no

caso «unhas aduncas» não pode a fabula, não pode o conto diz-las.

O que se deve, o que se tem a dizer, pode resumir-se numa palavra e todos sabem que é «ladroeira» que ela se escreve. Sinteze facil, resumo simples, um ministro tem provas na mão — provas claras —, de que um seu antecessor dispendeu dinheiros publicos dezonrozamente. Tem essas provas, e ameaça dal-as á estampa para castigo do criminozo.

Mas a Senhora da Paz da conveniencia monarchica intervem e o ministro cala-se, esconde as provas do crime, compromete-se, tornando-se cúmplice e encobridor; dezonra-se não permitindo que as responsabilidades se apurem. Isto são factos, *res non verba*, como aduzem certos monarchicos postos á prova infernal da defensão do regime. Vejam agora os contribuintes, o Zé Pagante, a que sorvedouro imoral, sistematicamente, é levado o produto do seu trabalho: — o fructo do seu esforço. Vejam e saibam que os monarchicos se encobrem fazendo costas uns aos outros, numa associação calabreza de defeza mutua, de mutua impunidade, de mutua insolvença e de mutuo descaramento.

Ricos, remediados, pobres, olhem pra isto: — toquem o sistema que lhes zela o imposto esbanjando-o, que lhes honra a firma roubando-os. Continuem a progredir, a crear riqueza, a arrotar maninhos, a dar vida a industrias, a desenvolver commercio, a procurar por uma honesta tenacidade a grandeza patria e o bem estar familiar; continuem, que enquanto não enxotarem os parasitas desta antiga mas robusta arvore portugueza; enquanto os não enxotarem não andarão nem um passo. Gastar-se-ha o combustivel inutilmente, pois que o trambolho é uma maquina sem compostura, cheia de fendas organicas que, sem proveito, devoram toda a enerjia fecunda todo o vapor de cinco milhões de moleculas penozamente adquirido; — para se perder totalmente. E olhem que isto são factos: *res non verba* como soe dizer, gravemente, qualquer conselheiro da monarchia.

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Francisco Ferrer

Tendo vindo de visita ao nosso paiz que estima como amigo, não pode demorar-se mais que trez dias, entre nós, por ukase governamental, o illustre revolucionario espanhol.

N'esses trez dias vijado pela policia, seguido pelos *secretas*, talqualmente como se se tratasse de um profissional do assassinato, de um *carterista* perigoso, de uma fera evolucionando para saciação dos seus apetites.

Todavia, libertario como é, Ferrer é o mais cordeal homem do mundo, o menos capaz de um crime. Implicado, falsamente, no atentado de Afonso XIII, o que se provou no processo é que o odiavam, de morte, os clericos espanhoes. Nem admira visto que Ferrer é o funda-

dor, na vizinha Espanha, do metodo racional de educação; e o fundador foi da *Escuela Moderna* de Barcelona, esse instituto de ensino a cujo influcco civilisatorio se irritaram desesperadamente os *frades* e os *mauras* d'Espanha. Todavia no seu paiz gosa de liberdade, da estima jeral, e na Europa é o seu nome o de um conhecido que se respeita. Somente neste Marrocos do occidente mal desembarca o cercam as postes policiaes, e logo o juiz de instrução lhe deita a suja gardunha. Diz-se em França, e no mundo culto, que dos Pireneus para cá começa a aringã africana. Pois é verdade, não desde o cerro pierenaico, mas desde que se piza terra do senhorio dos Braganças; — verdade pelo vexame e pela vergonha a que nos arrastam homens de governo sacristas, e alem de sacristas tolos, e alem de tolos gosseiros.

Já Ferrer viria trazer no bolso as doze furias da Revolução! . . .

Leal conselheiro

D. Miguel de Bragança, jenerozamente, troca pelas lentilhas de conselheiro, os *seus* direitos de primogenito. E' biblico, extraordinario, tocante. Faz lembrar os principes da Tavola Redonda — magnanimidade, desprendimento, espirito de sacrificio; um D. Miguel ao inverso de toda a historia rancoroza, virulenta e sanguinaria das tradições de familia; um D. Miguel como nem sequer são os anjos nesta epoca caraterizadamente, absorventemente utilitarista. Grande Deus! Um principe com «inauferiveis direitos» a uma nação, a um trono, cair no *beau jete* de uma renuncia, cabal e definitiva, a troco de quê — senhores! A troco de, como simples particular, como cidadão qualquer, jurado, eleitor, miliciano, assentar tenda no seu paiz; viver e morrer na sua patria — uma patria que o principe conhece tanto como um volume que nunca lesse.

A troco de servir de amparo ao seu real primo o sr. D. Manoel II, e mesmo de lhe servir de leal e bom conselheiro nos cazos bicudos que porventura o joven rei achê embrulhadiços.

Costuma dizer o povo «a burro morto cevada ao rabo», e perdoe o altissimo principe o plebeismo da comparação que, aliaz, serve ao intento. A cauza de legitimidade é uma cauza perdida e estava sendo, desde ha uns trinta anos, uma inofensiva perrice de cincoenta sebastianistas; que mais correligionarios não tem Vossa Alteza Serenissima em cinco milhões de habitantes. Era pois, vizivelmente, um sonho; — era o passado para sempre morto.

De nada já lhe servia como a cevada ao jericó morto, e ahí está encontrado porque a magnanimidade de D. Miguel II foi só um acto de senso comum.

Depois viver em Portugal, e, quem sabe? — a troco de bons conselhos vir a herdar, *constitucionalmente*, a coroa de D. Manoel, visto como á laia dos mais mortaes D. Manoel sêr sujeito á morte . . . uma hipoteze que poderia naturalmente ocorrer ao principe proscrito. Seja como fór, D. Miguel II mail-a a sua

corde de forajidos quer regressar a penates. Não o deveremos consentir, não pessoalmente pelo principe, mas pelo passado que, fatalmente, trará na sua bagagem, impossivel como lhe é de alienar o sangue e a tradição que jiram nas suas veias como um legado de excomunhão; impossivel como seria a inofensividade politica de um D. Miguel II a lecionar em direito rejio a El-rei D. Manoel II.

Está sua Alteza na sua residencia acastelada, lá num cantozito da Austria, esse ninho do abutre «Direito Divino». Pois passe por lá muito bem, deixando-nos em paz com o que cá temos — que dá trabalho de sobra.

Deixe-se estar a distancia.

Casca de laranja

Não vae para lonje o governo, é o que bramem as oposições dissidente e teixeirista — as do bloco, que arma agora em casca de laranja ministerial. Aparentemente, e, essencialmente, não parece que esteja são o ministerio W. C.; mas nisto ha que contar com o *Deus super omnia* da sabedoria do reportorio. Toda a historia é os acontecimentos seguirem o seu curso normal, e se assim fór o estenderete W. C. será o mais estronzo e o mais completo do tablado politico.

Merecido, de resto, pois nunca assistimos a mais deslavado exito da nulidade e da velhacaria, as duas, que se deram mãos na tarefa de guindar ao supremo mando umas creaturas que são, umas ineptas, outras burlistas, (é a boca ortodocsa de bons monarchicos que o afirma) e que só teem como bagagem: — o abafarete e a rejedoria. Caido, cairá no meio do desprezo, das vaias de toda a jente, e nunca com mais justiça liqu dará um politico. E pode sêr que não. . . que Deus escreve direito por linhas tortas.

Um diletanti

Sem erro de critica é o nome que póde dar-se, no xadrez politico, ao reverendo demostenes Antonio Candido. Como se fala na queda do governo ha quem tenha lembrado para futuro salvador da patria o nome do illustre padre, — grande orador com o apreciavel costume de guardar no sacco a retorica, falando a linguagem dos patos mudos. De modo que, a seguir a um governo de meninos de côro um outro de estola e coroa.

Está, na verdade, cada vez mais divertida, e mais de appetite, a radioza, manuelina, nova monarchia. Se ha jente triste no mundo venha para cá assistir a isto: é de morrer a rir, como a Maria Rita catita.

O divorcio

Nota parlamentar: o deputado Roboredo de Sampaio renovará o seu projecto de lei estabelecendo o divorcio. Ha uns anos, no inicio de cada periodo de sessões, este pae da patria levanta-se, apresenta o seu projecto — e disse.

Fez isto o ano passado, fal-o este ano, e já o havia feito vezes sem conta. Para o ano que vem, para

o seculo que vem, continuará a fazer o mesmo, apresentação do projecto, venia á camara: — e tenho dito. Os seus correligionarios, o seu partido, são contra; contra em nome da Igreja — essa instituição divina, etc., etc.

A monarchia é por demais — contra; lá se lhe esborrandava a mancebia devota, e nunca, o illustre deputado sabe-o, dentro do regime conseguirá o seu desiderato. Todavia, com uma boa fé ou uma timidez de inibecil, Roboredo de Sampaio em tudo continua sendo monarchico, agarrado aos calções do chefe mais e melhor que ao projecto, a saar apoiados e abraços aquelles mesmos que sem dignidade, pela tirania do voto, o combatem sem as honras da escaramuça.

E ha-de a jente rir ou chorar, perante o caso mesquinho, o infando e órrivel successo?

Ora . . . vá de rizota, com o raboleva merecido.

Uma greve

Em calças pardas vê-se n'este momento o governo francez, assoberbado pela formidavel greve dos empregados do correio. Apesar das ameaças, da pressão, de todos os recursos de suborno e indignidade praticados pelo governo, os grevistas não desanimam e veem a sua cauza calorosamente apoiada por todo o proletariado.

Como a luta é de interesses até se pretende negar o direito de greve a esses servidores do estado, com a invocação da necessidade suprema e da segurança da patria franceza. Entretanto os argumentos de injustiça que, por assim dizer, forçaram os empregados á greve que subsistam, agravados agora com revindictas do poder. . . pois que se trata da vida e honra de uns pobres diabos de pobretões. Mesmo nas republicas chamadas cá «radicaes», quando burguezia e proletariado, ou governo e sindicalismo, chegam á agudeza de conflictos, rezolve-se o cazo á maneira da força bruta, sem respeito pelo Direito e sem consideração pela Vida: — a dos que teem fome e sede de equanimidade, a dos que teem, lejitimamente, o seu direito humano a procurarem previdentemente, garantias de futuro e melhoria de condições.

Na França, como se vê, ainda vem lonje a Justiça. . .

Recordando

Palavras do deputado Dr. Egas Moniz: «Na vida ministerial do Sr. Espregueira ha trez contractos entregues obscuramente ao Banco Lisboa & Açores com lucros de contos 1:500! Isto em quatro anos.

Pois bem! O Sr. Espregueira é desde 1903 presidente do conselho fiscal d'este Banco».

O Sr. Manoel Afonso Espregueira, portanto, provadamente, em beneficio proprio (presidente do conselho fiscal do Banco Lisboa & Açores) desfalcou, por varias vezes, a fazenda publica. Ora o Sr. Manoel Afonso Espregueira acuzado de «criminoso» «digno da penitenciaria» «burlista» pelo deputado re-

jenerador Caieiro da Mata, não só continua a prezidir á pasta da fazenda, como, tambem, continua sendo persona grata do Paço. Todavia, o ministro da fazenda «devia estar no banco dos reus», Caieiro da Mata; devia sêr expulso do ministerio.

Mas está, mas fica;—e muito a contento da monarchia.

E' bom lembra-lo; nada se perde com insistir: o ministro da fazenda continua merecendo a confiança da coroa: ora o ministro «é burlista».

Mais um...

Este dos melhoes.

Coube agora a vez de nos fazer rir aos snrs. Espregueira e Caieiro da Mata. Progressos... Ao que se vê o sr. Espregueira apesar de velho é amigo do progresso ou não fosse *progressista*. E tem-se *adeantado* muito, não ha duvida.

Parece que elle entendeu que o sr. da Mata lhe chamou ladrão e d'ahi... duello no caso, que por signal ficou a meia razão, porque se disparou tiro... *só d'uma banda*.

Lá quando da viagem de S. M. El-Rei senhor vosso que Deus Guarde por muitos annos e bós ao Porto, embirraram em plena Praça Nova em chamar o mesmo ao sr. Espregueira, mas felizmente não houve coisa de maior.

A invidiosidade é do sr. Caieiro; sendo da Mata não usou o codigo florestal, dizendo o que os outros dizem, gramou um duello e para o não chega... falha o tiro. Irra, que já é; se a coisa péga, Espregueira era homem morto.

Quando se ouvir um tiro (?), ao que relatam os jornaes gritou-se:

Oh! Annica, traz o alguidar para apurar o sangue.

Santa ingenuidade! Ainda houve quem, em hypothese mesmo, admitisse sangue.

Aquillo foi só polvora secca... com fumo e cheiro.

Bem disse uma mulher que assistia, quando convidada a retirar-se por causa do perigo. «Os snrs. não se matam uns aos outros, quanto mais a nós». Claro que ella bem sabe que as pistolas nunca teem bala.

Se tivessem, o lugar de menos perigo seria exactamente... o alvo.

Ainda bem que o duello já tem uma utilidade. Faz rir a gente. Por isso... *salta outro breve!*

(4) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Esta situação prometia acabar pela fuga prudente do pae de Marta, se o estudante de Villalva não assomasse ao fundo do castanhal com uma matilha de coelheiras que ladravam a um porco muito erriçado, que as esperava com o focinho de esguelha, bufando e grunhindo. O caçador chamava os cães, assobiava, fazia uma bulha convencional para que Marta o ouvisse.

Ele não tinha visto o pedreiro; os cães é que o viram e deixaram o porco destemido para atacarem o homem, com uma velha birra que lhe tinham. O Zeferino, n'outra ocasião, segundo o seu costume, desprezaria a arremetida da matilha; mas, naquella conjunctura de odio ao caçador, esperou a canzoada com o maxado em riste, empunhava o cabo com as mãos cabeludas, e fazia, com o corpo inclinado avanças provocadores. José Dias chamava os cães obedientes; mas o Zeferino, muito azedo, enjelhando na cara uns trejeitos de basofia, disia sarcástico:

—Deixe-os vir, deixe-os vir, que o primeiro que chegar faça-lhe saltar os miolos á cara de você.

Perguntas innocentes

Vão dirigidas a quem souber responder.

O sr. Espregueira e o sr. Caieiro da Mata *engalfinharam-se* a 25 passos de distancia um do outro, porque este offendeu aquelle. Não se conciliaram.

Pergunta-se: afinal o sr. Espregueira é o que o sr. Caieiro disse ou não é?

Se não é, o que é o sr. Caieiro? E principalmente: o que são ambos?

Hein? «dois bons pontos?» Ora cale-se que ninguem lh'o perguntou a si.

ARA

Altos pinheiros septuagenarios e ainda empertigados sobre a serral Sois os enviados extraordinarios, e embaixadores d'El-Rey Pan, na terra.

A' noite sob aqueles lampadarios, conferencias com ele... Ha paz? Ha guerra? E tomam notas vossos secretarios, que o *Livro Verde* secular encerra.

Hirtos e altos, Tayllerands dos montes! Tendes a linha, não vergaes as fronteiras na exigencia da Corte, ou beija-mão!

Voltaes aos Homems com desdem a face... Ai oxalá! que Pan me despachasse adido á vossa estranha legação.

Antonio Nobre.

A SAQUE

Paiz de miseria e de adeantamentos

Crise agricola no Douro, falta de reservas panificadas em todo o paiz, crise e fome no distrito de Beja, no Algarve, miseria assombrosa, cronica, e aniquiladora nas classes operarias, no proletariado de Lisboa e Porto:—tal o quadro de economia social, de lez a lez varrendo e mortificando toda a pobre terra portugueza.

Crise e fome, terrivelmente ameaçando, e para contraste e relevo nas altas rejões do poder a continuidade da bambochata, a perserverança nos velhos erros, a reincidencia no indifferentismo, no desprezo a que são votados todos os verdadeiros e altos inte-

Que se acomodasse, conciliava pacificamente o estudante—que os cães não tinham outra fala. E o pedreiro insistente, muito arrogante:—que venham para cá, e mais o dono, o caçador de borral e dizia palavradas canalhas, muito danado por que vira aparecer a Marta na varanda, a fazer meia com a cesta do novêlo no braço.

—O sr. Zeferino, fale bem, ponha cobro na lingua—advertiu o José Dias com uma serenidade de mão agouro—quando eu lhe ladrar então se fará com o machado para mim. Os cães ladraram-lhe, eu chamei-os, que mais quer você, homem?

Siga o seu caminho. —O meu caminho? O meu caminho é este—disse batendo com o machado na terra.—Quer você mandar-me embora d'aqui? Ora não seja tolo.

A prezença da moça enfurecia-o; contra o seu costume sentia-se valente. O amor, como um vinho indesjeto, dava-lhe a corajem interina dos bebados e berrava:—Se é homem, venha para cá! Você manda-me sair d'aqui, seu pedaço de asno?

—Eu não, o mando sair d'ahi, nem lhe consinto que me chame asno. Olhe que eu largo a espingarda, tiro-lhe das unhas o machado e dou-lhe com elle.

—O' alma do diabo!—exclamou o pedreiro crescendo para o caçador.

Nisto, um dos cães, atravessado de cão de gado e cadela coe-

resses nacionaes. Enquanto o espectro da fome assola as causticadas provincias e se esterioriza nos «pateos» e «ilhas» das capitães, governo e socios da Liga Monarquica,—que é como quem diz toda a monarchia de cima a baixo,—não pensam e não procuram senão o prolongamento e manutenção dos parasitismos e esbanjamentos de que se nutrem. Com o assombrozo de uma divida de novecentos mil contos (fundada e flutuante) levantam novos emprestimos, como agora, arranjando quatro mil contos em condições leoninas, e sem, nem sequer ao menos, o prestimo de destinarem esse dinheiro ao emprego que afirmaram teria:—a construção de novas vias ferreas. Na hora de crise, por essas provincias, seria um alivio minorativo da fome a construção d'obras publicas—caminhos de ferro—; valorizando-se depreciadas rejões e acudindo-se com trabalho aos desempregados operarios agricolas.

Estudadas ha que anos, de verdadeiro fomento de riqueza, ha linhas ferreas como a do Val do Sado, Val do Zezere, Lamego, Braga a Chaves; todas, porem, sem inicio.

Com os quatro mil contos que foram um negocio ruinozo, imoral, podia atacar-se a construção dos troços ferroviarios de maior necessidade e de mais proveito. Mas qual!... Contra isso levantar-se-hia formidavelmente a comparsaria, todos os seus compadres, todos os seus devoristas, todos os afilhados:—um exercito de queixas hiantes que, então, iriam escaqueirar á punhada a sua Liga Monarquica, e escorraçar o governo. Portanto bôlo, leilão, mania d'oiro retalhada, e os caminhos de ferro e a fome dos trabalhadores que esperem por outro emprestimo, por outro lôgro, por outro crime. Monarquicos, e dos mais graduados, teem chamado «burla, infamia» ao novo e desgraçadissimo contrato, mas, ao fim, quando vier a reconciliação da gamela á ordem, tudo isso se esquecerá;—na expansão do fraterno abraço. Moralidade do caso é a de que com taes homems, com tal sistema, com taes processos, loucura será acreditar na reforma, na emenda, na «vida nova». Se lho consentirem, a mo-

narquia ha-de enterrar sob o lôdo e na bosta dos seus seculos de baixaza uma nacionalidade que bem mereceria melhor destino! Se lho consentirem: pela inercia, pelo oportunismo, pela covardia.

Se lho consentirem: pela inercia, pelo oportunismo, pela covardia.

A Moral e a Educação

A moral é um produto da sensibilidade, não da intelligencia, diz Nietzsche. Foi sempre uma regra pratica de conduta; e se agora toma um aspecto abstrato é porque não está em harmonia com o presente, é porque é uma herança teimosa de um passado mais do que morto. Não temos a moral que as circunstancias do tempo exigem, em harmonia com a realidade ambiente, e que nós por isso mesmo, deviamos ensinar nas nossas escolas, dirigindo a nossa mocidade para o fim que melhor convem agora aos seus meios de ação. Qual será esse fim?

Fiz notar n'um artigo meu sobre a «Pedagogia e a Vida» que os nossos rapazes não teem caracter, visto que lhes falta a força de vontade, e uma orientação firme que lhes permita triunfar na vida. Todo o esforço do professor deve sêr no sentido de os tornar verdadeiramente e completamente homems.

E se ligar a escola á vida, se embeber o ensino de realidade é a primeira condição para isso, é necessario tambem dar-lhes ao mesmo tempo uma regra de conduta, a que eles se arrimem com a certeza de que vão bem seguros. Não é a moral cristã que lha dará, nem qualquer outra moral filosofica ou religiosa:—abstratas demais, não influem na imaginação da creança; e quando, por exemplo, lhes veem falar de dever, é com o respeito vago com a idolatria com que falam de Deus ou de qualquer outra abstração correspondente.

Precisa-se de uma moral concreta, que busque, não o consequimento de ideias metafisicas, mas apenas o perfeito desenvolvimento de todas as faculdades dos alunos. Quer-se uma educação real, uma adaptação da crean-

ça ao meio onde vae viver; e para o conseguir, sem ferir crenças nem preconceitos, só uma moral me parece digna de sêr seguida:—a moral do esforço, da energia, da vontade, do trabalho, emfim.

Far-se-hiam resaltar aos olhos do aluno todas as vantagens, toda a perfeição que o homem tem conseguido pelo seu trabalho; e assim se ensinaria que esse é o unico ponto de vista, para *viver*, que podem ter os homems.

Em todas as materias de estudo se encontram exemplos para ilustrar esta moral, e para nós, portuguezes, isso seria d'uma manifesta utilidade: talvez assim a educação civica deixasse de sêr unicamente um titulo de manuaes, para se transformar numa realidade tanjivel e palpavel, e compreendida como desejam todos aqueles que amam a sua patria.

Alem disso, o aluno iria ao mesmo tempo percebendo o proveito que poderá tirar do seu trabalho para as aulas.

Resultado, na verdade, magnifico—e a que só chegam agora rarissimos professores, para quem todo o louvôr é pouco, por maior que seja.

Dir-me-hão que, afinal de contas, eu não proponho nenhuns fins para a atividade dos alunos. Assim é. Proponho simplesmente meios. E é quanto basta.

Os fins—encarregar-se-hão de lhes fornecer as circunstancias da vida.

Para um educador exercer bem a sua missão, é bastante que desenvolva as faculdades da creança, preparando-as para a luta e para o esforço paciente de todos os dias.

Nada mais é preciso; e a experiencia de ha muito que demonstrou a verdade desta afirmação.

Resumindo: a moral pedagogica deve sêr a moral do trabalho. Desse modo o professor terá um vasto campo para expandir as suas ideias, sem bolir com as crenças religiosas dos discipulos.

Não bordando considerações metafisicas sobre o bem e o mal, poderá exaltar-lhes a alma no amor das ações belas e fortes—o que não consegue fazer com o desenrolar habitual de preceitos e maximas, cuja ineficacia está so-bejamente provada. E preparará

co de um estrangulado, no 5.º acto de um drama de costumes.

A velha creada da cosinha, muito flatulenta, nunca poderá afazer-se ás explozões d'aquella garganta escabroza de mucos empedrados. Quando o grasnido do asperrimo de pavão lhe feria os ouvidos, reboando nos concavos tetos dos salões, a mulher estremeia e raras vezes deixava de resmungar:—Que medo! credo! diabos leve a esgana do home! Deus me perdoe!

De dois em dois mezes apareciam em Barrimão dous egressos de Cabeceiras de Basto, companheiros de noviciado de Fr. Gervazio.

Juntavam-se os tres amigos em uma intimidade de palestras saudosas. Com intercadencias mudas de poetica tristeza, comemoravam os seus conventuaes falecidos, resavam juntos pelos seus brevarios beneditinos; depois, a passo cadenciozo, claustral, iam para a meza com o recolhimento prescrito pela *Regra* do patriarca.

Ahi pegava de puxar por elles a natureza objectiva, e dava-lhes horas de salutar esquecimento do passado irreparavel.

Gorgolejavam copiosamente os vinhos engarrafados, traiçoeiros, da companhia, em que Fr. Gervazio derretia a prestação; porque, de resto, a meza do mano morgado era farta e a sua bolsa jenerosa para as moderadas necessidades do egresso.

O estudante retirou-se associando á matilha ainda refilada ás nadegas do homem. O Simeão cossava-se com as dez unhas e dizia velhacamente comovido:

—Mêta-se ahi na corte da egua que eu vou-lhe buscar umas calças, seu Zeferino, ou dá-se lhe ahi quatro pontos para remediar. Dê cá as calças, e não se aflija...

O pedreiro respondeu-lhe porcamente, e de modo tão trivial, que o outro lhe replicou:

—Vá você! E meteu-se em casa como quem receava contra replica menos suja e mais dura.

III

O Zeferino era afilhado do morgado de Barrimão, um major de cavalaria, convencional em Evoramonte, miguelista intransigente, mas cordato. Vivia no seu escalavrado solar com um irmão egresso beneditino.

Fr. Gervazio, muito cevado e inerte, continuava em casa a sua missão monastica.

Era um contemplativo. Não lia senão no livro da Natureza. Se não dormia, estrumava o seu vegetalismo com adubos crassos de tocinho e capoeira, com um grande farfalhar de mastigaças, porque dispunha de dentadura insufficiente. Tinha outro sinal ruidoso de vida—era um pigarro de catarral cronica, arrancado dos gorgomilos com tamanho estrupido que parecia ao lonje o grito rou-

a creança para a vida tal como é — não para uma vida artificial e mentirosa, que nem ás vezes tem o merecimento de ser elevada e forte.

Mas para fazer assim compreender as vantagens do trabalho, para educar a energia e a força de vontade das creanças, devem elas ser, forçosamente, organismos sãos e bem dispostos, capazes de esforço e aptos para serem alegres; quer dizer, devem fornecer uma boa materia prima.

Com effeito, o que muitas vezes se julga preguiça, não é mais do que falta de saúde ou atrofia física.

Quantas creanças ha cuja preguiça inexplicavel aos olhos de leigos, se vem a reconhecer como incapacidade de trabalho por falta de regularidade de funções digestivas ou respiratorias! A cada passo na vida e nos livros, se encontram exemplos d'isto.

E para que a moral pedagogica dê o resultado que deve, tenha as fecundas consequências que julgo possíveis, é necessario que esses exemplos desapareçam tanto quanto possível.

E' de esperar que assim aconteça em breve: a ginastica obrigatoria nas escolas officaes é já um passo para isso. Dentro em pouco, veremos talvez os nossos filhos mais fortes e, por conseguinte, mais capazes de desejar e amar a força; mais aptos para o trabalho—e por tanto, com maior facilidade para lhe entender as vantagens.

A moral pedagogica encontra, pois, o seu melhor auxiliar, ou antes a sua verdadeira base, no desenvolvimento fisico do aluno. E esta conclusão não é para surpreender—agora que o homem reconhece que precisa de viver integralmente para ser feliz, e que a saúde, o equilibrio organico é a primeira condição da harmonia, da beleza e da alegria da vida.

João de Barros.

Alma Humana

Os teus olhos castanhos são como reis muito cheios de orgulho, imperiozos; mas teem mais que a purpura dos monarcas uma macieza e uma suavidade adoraveis, estonteantes.

São imensamente formosos quando encaram demoradamente, quando penetram atravez a epiderme e, por occulta majia, fazem bater mais depressa, mais vivamente, o coração que os sente—pois lhes aceita o dominio.

Teem porém o defeito de serem frios, quero dizer impenetraveis como polimento ou como aço brunido.

Teem esse defeito, percorrem todos os recessos do nosso ser, e ficam, perante nós, inviolaveis e misteriozos como o cabouco nilotico da grande esfinge de Giseh;—de modo que, enigmaticos, não se nos confessam injenuamente.

Seriam talvez bem no rosto hieratico de uma rainha, concorreriam para a majestade e para a gloria do trono, dar-lha-hiam, pois que uma e outra lá não existem, nessa superstição moribunda cujo enterro solene não tardaráahi muitos anos. Seriam, bem n'uma rainha de proscenio, não em ti, feita da mesma carne soffredora, frajl, que tenho eu, que tem toda a jente. Em ti assim frios, quero dizer indescortinaveis, por muito que se bemqueiram, por muito que se anelem, deixam vivas e angustioza a impressão de uma espada cortando carnes em sangue e todavia branca, polida, sem que uma perola vermelha lhe humanize a brilhante dureza branca:—a dureza que ha nos teus olhos de um castanho profundo e de um game afiado, incorrutivel e impiedoso. E todavia tão formozos, ás vezes mesmo tão meigos—que imagina a jen-

te vêr n'elles, finalmente, ahi finalmente, a estrelinha d'alva de uma ternura animal—bem humana, ben viva,—o que lhes falta, somente, mas ahi somente, para não terem rival no mundo.

A estrelinha d'alva de uma ternura—bem animal e bem viva,—es se pouco que é o seu senão invenível,—esse pouco que, em verdade, é tudo;—toda a maravilhoza alma dos olhos, os de um cão ou os de um gato; os de um cavallo doente ou os dos bois; ternos, humidos, cheios de enternecimento e de amor. Mal parece, mesmo, possível que sejam admiravelmente macios; mal parece, mesmo, possível que cheguem a ter meiguice!

Teem-na porém,—um vidro preto e ópaco, pela côr, não perde a macieza de orijem;—teem-na mas desvalorizada, mas dezumana porque rejela na sua frialdade de corpo morto, brilhante mas esteril; soberanamente formozo, mas insensivel. Falta-lhes a ternura, falta-lhes a doce simplicidade que fala conosco, que se nos revela em sensações de luz fundida; a luz que arrancha conosco nos nossos sonhos, na nossa aspiração, no nosso desejo:—luz de astro vivo, que eles não teem. Profundamente castanhos, «e os olhos acastanhados são os leaes, verdadeiros», os teus verdadeiros na formozura; verdadeiros na majestade soberana. Leaes, não o sei, mas devem sê-lo. Leaes, ao menos, á glacial indiferença com que me veem e me saudam:—num saudar e vêr de sacerdotiza superior a fraquezas, extranha a paixões: inacessiveis e insensiveis. E, todavia, bastava que vissem sem prevenções, que sobre o meu peito se debruçassem, atentamente, para me verem melhor; para se arrependem, humanamente, os teus frios olhos macios,—os teus profundos olhos castanhos. Bastava vêrem... e eles não veem—os formozissimos cegos.

Minusculus.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passam seus anniversarios natalicios:

Hoje, o nosso presadissimo amigo e intelligente facultativo dr. Domingos Lopes Fidalgo, illustre presidente da Commissão Municipal Republicana d'este concelho.

E no dia 28, o nosso estimado conterraneo, Adolpho Pinto do Amaral.

Cordeaes felicitações.

De regresso de Manaos, chegou no dia 20 a esta villa, em optimo estado de saúde, o nosso velho amigo Manoel Gomes Dias. N'um abraço, os nossos cumprimentos de boas vindas.

Regressou terça-feira da capital, o nosso amigo Antonio Carlos d'Araujo Sobreira.

Encontra-se entre nós, em goso de licença, o distincto medico militar dr. Murio Pereira da Cunha.

Partiram segunda-feira para Lisboa, com destino ao Rio de Janeiro, o snr. João de Pinho Barbosa e o menino Joaquim Coentro de Souza e Pinho, extremecil do filho do nosso amigo snr. Augusto de Souza e Pinho.

Boa viagem e felicidade. Cumprimentamos domingo passado n'esta villa os snrs. João Evangelista Nunes da Silva, Arnaldo Duarte Silva, Manoel Gomes Netto e Emilio Villar.

Os Passos

Não ha duvidas; pela quaesma d'este anno vae mala suerte para os devotos, para os negociantes, e até para o simples mirone; todos privados da festividade rendosa e da procissão imponente. Começou pelos «Terceiros», a

desfortuna e, para cumulo, veio acabar-se n'um dia de Passos chuvissentos, amorrinhado, splenico. Todo o dia, nem um momento o santo sol appareceu; e o cinzeiro das nuvens jámais nos deu a mostrar um pedaço, um bom recanto de azul.

A manhã da vespera tinha sido linda, mas estava escripto, já que o Senhor dos Passos não viria cá fóra cu nprimetar os seus amigos de toda a vida; embora Todo Poderoso, mas impotente, na verdade, perante a casmurrice da chuva. Pois foi pena. Elle é, inabitavelmente, um bello e grave Senhor, de tunica roçigante, um oldman de venerando e amovavel aspecto, boa escultura piedosamente e amorosamente traçada.

Nas ruas, ao cahir da tarde, quando já a primeira estrella vem picar o azul escuro do céu, no meio de tochas, ladeado de povileu, no ar calmo, como que respeitosa suspensão, a procissão, a lento passo, tem uma certa vizualidade, grande e comovedora. E' um socego, uma religiosa atonia, apóz o ruido de toda a jorna, cheia de forasteiros, de poeiras, de sol macio.

Este anno, porém, tudo estragado pela teima, a morrinhice da chuva. Um ou outro judeu apenas, levemente, ainda entreviu um pedaço de largo, e, ainda aspirou um resquicio de aragem fria. Tinham sido lavados, endomingados pelo hygienico e encicioso amor de umas creaturas que, quem sabe, dispendem, inutilmente, com umas figuras macabras, de minerio e lenha, affectos que negam; affectos que nunca dão a peitos de vivos que lhos sollicitam... as deformadas mulheres. Mas tristemente, os pobres judeus não viram os seus rancorosos inimigos, tão adorados, de resto, por aquellos tristes captivos, a que os forasteiros dão sociabilidade e sol em um dia:—o dia religioso em que Jesus passa com o madeiro dos nundanaes crimes, peçando-lhe ás frageis e sacratissimas costas, que por nós outros sacrificou.

E fazendo a caramunha da festa, assim estupidamente estragada, nós o que interpretamos é o sentir colectivo, utilitario de coração e cabeça.

Nomeação

Por despacho ultimamente publicado na folha official, foi nomeado conservador do registro predial da comarca de Aviz, o snr. dr. José Ferreira Marcellino, administrador d'este concelho. Os nossos parabens.

Desastre

No dia 15 do corrente foi colhido, junto á ponte da Malria d'esta villa, pelo rapido descendente da tarde, um individuo de nome Manoel da Silva Valente, solteiro, de 25 annos, de Agua Levada, de Avanca, o qual ficou horrorosamente esmagado.

Juizes substitutos

Foram nomeados substitutos do juiz de direito d'esta comarca os snrs. Antonio Soares Pinto, João José Alves Cerqueira, Delfim José de Souza Lamy e João Marques Cantinho.

Fallecimento

Com a avançada idade de 86 annos, falleceu no dia 21 o antigo official da camara snr. Antonio José de Pinho, da Ribeira, pae do snr. Joaquim Marques de Pinho, a quem endereçamos as nossas condolencias.

Recenseamento eleitoral

Foi prorogado até hoje, o praso para a conclusão das operações

do recenseamento eleitoral d'este concelho.

Ensaio

Andam em ensaios o drama em 2 actos: *Cinismo, Scepticismo e Crença* e a comedia a *Morte do Gallo*, para o espectáculo que a distincta *troupe d'amadores* nossos conterraneos projecta realisar no proximo domingo de Paschoa, em beneficio da futura Misericordia d'Ovar.

Brinde

Recebemos do Ill.^{mo} Sr. Manoel Góngora, gerente da importante casa de material graphico, Mascaró, um lindo e artistico calendario que agradecemos.

Novos collegas

Recebemos a visita dos nossos seguintes novos collegas: *A Patria*, semanario republicano de Bombarral, magnificamente redigido e de bello aspect; *Noticias da Feira*, orgão progressista dissidente, dirigido pelo snr. José C. Marques d'Azevedo, e successor do *Informador*; *A Defesa Operaria*, do Porto, defensor dos manipuladores de tabaco e do operariado em geral, com boa e variada collaboração, e *O Credito*, revista internacional de politica, finança, commercio e industria, que mensalmente se publica em Lisboa.

Saudando os novos collegas, lhes desejamos longa vida.

CHRONICA AGRICOLA

XXXIV

Dos adubos azotados de que tenho fallado, resta examinar o *nitrate de sodio* e o *sulfato d'ammoniac* para ver em que casos se deve empregar cada um d'elles.

O *nitrate de sodio* é um sal *deliquescente*, isto é, tem a propriedade d'absorver a humidade da atmosphera e dissolve-se rapida e facilmente na agua.

O *sulfato d'ammoniac* é *efflorescente*, isto é, perde a sua humidade quando posto em contacto com o ar, tendo assim uma qualidade completamente opposta á do *nitrate de sodio*.

Já vi escripto que sendo este bastante caustico e muito facil de perder-se, pelo que convém que se use em cobertura depois das plantas já nascidas, só convinha usal-o em terras bastante humidas afim de que dissolvendo em muita humidade e ficando consequentemente a solução pouco concentrada, não fosse quemar as raizes.

E' certo, porém, que eu tenho-o usado em terrenos pouco humidos colhendo sempre bons resultados.

Entendo até que é exactamente nos terrenos seccos que elle deve ser preferido, ficando o *sulfato d'ammoniac* para os muito humidos. Se deitarmos este em terreno secco, elle que posto ao contacto do ar perde alguma da sua humidade, nunca se dissolve a não ser que uma chuva providencial lhe forneça a humidade necessaria; nos terrenos humidos já encontra a necessaria para se dissolver.

Ao contrario o *nitrate de sodio* applicado em terrenos humidos dissolve-se tão rapidamente que se perde grande parte antes das plantas o aproveitarem, e se for collocado em terreno secco elle absorverá a humidade do ar para se dissolver.

O *sulfato d'ammoniac* é geralmente mais rico em azote do que o *nitrate de sodio*, visto que emquanto este em geral é doseado de 15 a 18 0/0, aquelle chega a ter 20 e 22 0/0.

Convém muito enterrar o *sulfato d'ammoniac* na occasião da sua applicação e quando se queira applicar em cobertura e se não possa dar uma gradagem, convém então applical-o em dia de chuva.

Tem este adubo uma outra vantagem sobre o *nitrate*: fixa-se melhor no terreno e portanto perde-se menos.

Esta fixação depende da natureza do terreno, porque o poder absorvente e fixador reside quasi exclusivamente na argilla e no humus; se, pois, as terras forem argilosas ou humiferas reterão o azote e os outros elementos fertilisantes melhor do que as arenosas.

Querendo fornecer um adubo azotado na occasião da sementeira, entendo que deve usar-se de preferencia o *sulfato d'ammoniac*; sempre que esse adubo seja fornecido em cobertura para vigorisar plantas, deve usar-se o *nitrate de sodio*.

O que é necessario—e isto em todos os adubos chemicos—é que se espalhe por egual em todo o terreno.

Se ficar accumulado em qualquer ponto pôde matar as plantas.

O *nitrate* convém até applicar-se por 2 ou 3 vezes com intervallo de um mez d'umas ás outras. Assim se nós queremos espalhar 300 kilos n'um hectare, convém mais espalhar por 3 vezes 100 de cada vez.

Como já disse os adubos azotados influem sobretudo na parte foliar e no grão e fructo; mas é preciso cuidado em os não empregar em excesso porque podem ser prejudiciaes como o são quando empregados inoportunamente.

Nos cereaes e sobretudo no trigo, mais cuidado deve haver. Se o trigo n'esta epocha apparece amarello, fraco, o *nitrate de soda* produz rapidamente um effeito surprehendente. Torna-o verde, forte, e augmenta a colheita.

Mas se usarmos a adubação azotada n'um trigo bom, se houver excesso d'azote elle *acama*, e tudo se perde.

Se o terreno não tiver bastante acido phosphorico, tambem o azote faz com que a planta dê—*muita palha e pouco grão*.

Finalmente o azote applicado tarde atraza a maturação do grão o que, muitas vezes prejudica a colheita e dá origem a ser atacada por parasitas prejudiciaes.

O *nitrate de sodio* tem ainda a vantagem de ser um *dissolvente*, isto é, ataca a potassa que existe no terreno e torna-a mais facilmente assimilavel por as plantas.

Quando a planta não corra o perigo d'acamar como por ex.: o milho empregado em grandes doses mata um dos bichos mais prejudiciaes—o *caucer* que dá cabo de muitos milharacs e que em algumas partes se chama com muita propriedade—o *alfinete* sendo o seu verdadeiro nome o de *agrotis linneatus*.

ANNUNCIOS

CASA

Vende-se uma alta na rua das Ribas com armazem para despejos, quintal e poço.

N'esta redacção se diz.

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

COM

Armazens de Vinhos, Aguardentes, Geropigas e Vinagre

PARA

CONSUMO e EXPORTAÇÃO TANOARIA

Commissões

End. Teleg.—CARRELHAS

Rua das Figueiras

OVAR—Portugal

ANTIGA OURIVESARIA

DE

PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, proprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, pali-teiros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc., etc.

30,000 REIS MENSAES

Qualquer pôde ganhá-lo, exercendo uma industria que não depende de capital, que é d'absoluta novidade, e d'uma facilidade extrema. Pôde-se exercer sem prejuizo de qualquer outra occupação.

Industria facil e lucrativa para os pobres, economia e recreio para os ricos.

Escrever, enviando 300 réis para o segredo, a Aurelio Augusto Corrêa, MONSÃO. A todo o comprador, é offerecido gratis, um lindo postal.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5\$320 a 5\$350 réis.
 Valor da libra, papel, de 5\$300 a 5\$330 réis.
No Brazil: cambio—15 1/4—% Londres, valor da libra, 15\$737 réis.
 Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 45—5\$330 réis.
 Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 33\$890 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.^a qualidade, 15 kilos. 1\$450 réis
 > 2.^a > 15 > 1\$400 >
BAIRRADA
 > 1.^a qual., 15 kilos, 1\$350 >
 > 2.^a > 15 > 1\$300 >
 > 3.^a > 15 > 1\$250 >
 Batatas, 15 kilos 400 >
 Centeio, 20 litros 820 >
 Fava, 20 litros 750 >
 Farinha de milho, 20 litros 840 >
 > trigo, 1.^a qual. kilo. 103 >
 > 2.^a > > 93 >
 > cabecinha 62 >
 > semente superfina. > 40 >
 > grossa 38 >
 Feijão vermelho, 20 litros . 1\$200 >
 > branco, 20 > . 1\$160 >
 > mistura, 20 > . 900 >
 Milho branco, 20 > . 820 >
 > amarelo, 20 > . 760 >
 Ovos, duzia 150 >
 Tremoço, 20 litros. 380 >
 Azeite, 1.^a qual. litro. 280 >
 > 2.^a > 250 >
 > 3.^a > 230 >
 Alcool puro, 26 litros. 6\$800 >
 Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$640 >
 > bagaceira, 26 litros. 3\$120 >
 > figo, 26 litros 2\$100 >
 Geropiga fina, 26 litros 2\$080 >
 > baixa, 26 > 1\$430 >
 Vinho tinto, 26 litros, 800 >
 > branco, 26 > 900 >
 > verde, 26 > 900 >
 Vinagre tinto, 26 > 700 >
 > branco, 26 > 900 >

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 26:297\$300 réis
 Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 16:662\$055 >
 Companha S. José — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 14:487\$675 >
 Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 12:272\$325 >
 Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 >

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
 Rezes abatidas para o consumo:
 . . . Bois, com o pezo de . . . kilos
 . . . Vitelas, > > >
 . . . Porcos, > > >

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.
 Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.
 Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.
Continente, Ilhas, Africa e Hespanha
 Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. 25 réis.
 idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. 25 réis.
 Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. 2 1/2 réis.
 Impresos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
 Cada 50 gr. mais ou fracção 5 >
 Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
 > cada 20 gr. ou fracção 30 >
 Bilhetes postaes: cada 20 >
 Jornaes e impresos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis
 Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis
 Avisos de recepção—Cada um. 50 réis
 Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encommendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES
 De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10
 > 10\$001 > > 50\$000 > . 20
 > 50\$001 > > 100\$000 > . 30
 > 100\$001 > > 250\$000 > . 50
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50
 Valor não conhecido ou declarado. 500
 Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias
 De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 50\$000 > . 50
 > 50\$001 > > 250\$000 > . 100
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100
A mais de 8 dias de prazo
 De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 40\$000 > . 40
 > 40\$001 > > 60\$000 > . 60
 > 60\$001 > > 80\$000 > . 80
 > 80\$001 > > 100\$000 > . 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal
 De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
 > 20\$001 > > 100\$000 > . 100
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios
 Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.
 Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.
 Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas
 Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 >
 Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta 6 >
 Bairro d'Arruella até á Poça. 7 >
 Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8 >
 Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral 9 >
 Estação e Pellames. 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
 Ribeira. 12 >
 Assões—Granja e Guilho-vae. 13 >
 Furadouro. 14 >
 Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.
 Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.
 Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.
 Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.
 Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.
 Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
 Antonio da Silva Brandão Junior.
 Carrelhas & Filho, Successor.
 Manoel Ferreira Dias.
 Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.
 João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.
 Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».
 João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».
 João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».
 Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespania».
 José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira-Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C., Moagem de Cereaes—S. Jares Pinto & C., Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St. Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova-Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C., Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.
 Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 5 DE NOVEMBRO

Comboys	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,89	2,45	3,33	5	5,40	8,45
Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	3,40	4,31	5,39	6,41	9,48
Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	—	4,46	—	6,58	9,53
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	—	4,52	—	7	—
Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11	—	4,59	—	7,11	—
OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,59	5,9	—	7,22	10,13
Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	7,29	—
Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	7,36	—
Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	4,37	—	6,14	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboys	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	5,34	9,55
Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	6,9	—
Vallega	4,48	—	—	—	11,48	—	—	6,14	—
OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	5,35	6,23	11,4
Carvalhara	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	5,46	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	5,51	—	—
Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	5,57	6,38	—
Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	6,14	6,51	10,34
S. Bento	6,54	7,47	9,2	11,54	14,7	3,18	7,15	8,1	11,16